

EDITORIAL

Dez artigos são publicados neste número 32 da Revista *Estudos Japoneses*. Os trabalhos constantes neste volume resultaram das pesquisas de docentes, pesquisadores e alunos de pós-graduação, nas áreas de língua, literatura e cultura japonesa, aprovados após rigoroso processo de seleção. É importante registrar que essas áreas alcançaram uma variedade de assuntos ainda maior que vem sendo enriquecida anualmente, contando com estudos sobre educação, movimento migratório e cultura em seu sentido mais amplo.

Ana Sueyoshi e Kyoko Nakagawa, que são respectivamente doutoras em Economia e Política Internacional pela Universidade de Tsukuba e em Psicologia pela PUC-São Paulo, trazem contribuição em estudos migratórios, com enfoque nas crianças – filhos de decasséguis – em situações de deslocamento e envolvendo problemas de adaptação escolar. O trabalho compara duas pesquisas realizadas no Brasil e no Peru, entre os anos de 2008 e 2009, abordando questões de (re)adaptação linguística e cultural, nos respectivos países. Com os dados, as autoras mostram as diferenças e as semelhanças no modo de inserção dessas crianças retornadas.

A professora Eliza Atsuko Tashiro-Perez, doutora em Linguística pela USP e docente da mesma instituição, apresenta um estudo preliminar sobre o modo pelo qual os missionários europeus, nos séculos XVI e XVII, descreveram as variedades da língua falada no Japão. Para a sua pesquisa, utilizou como instrumento de análise as publicações de natureza linguística da imprensa jesuítica japonesa, estudando as descrições das variedades diatópicas, diafásicas e diastráticas da língua.

O pesquisador Fernando Carlos Chamas, mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP, estudou o comportamento do escritor Kamo no Chômei, que viveu um “retiro artístico” em sua obra *Hôjôki*. A importância do autor não se limita apenas às experiências do passado na esfera pessoal; sua obra é um retrato do final do período Heian (794-1185), cuja descrição mostra o cenário de declínio da aristocracia, bem como a sua interpretação sobre o Budismo, permeada por emoções de nostalgia, fuga e efemeridade ou *mujô* (無常).

Hiromi Shibata, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP, professora aposentada do colégio Bandeirantes e docente da Universidade Paulista, examina as práticas educacionais dos descendentes japoneses do pós-guerra, combinando metodologia quantitativa e qualitativa, esta última através dos relatos de experiências familiares, desenvolvidas em espaços sociais e históricos distintos. A autora investiga a existência das correlações entre práticas educativas adotadas pelos pais e o bom desempenho escolar dos filhos. Com base em Pierre Bourdieu, pesquisa as formas de gestão familiar para assegurar a escolarização dos filhos, salientando a importância do capital cultural.

Jaqueline M. Fukushi, mestranda da Universidade de Brasília e Yûki Mukai, doutor em Linguística Aplicada pela Unicamp e atual docente da Universidade de Brasília, investigam a didática e as crenças de professor e alunos numa universidade pública, no que se refere à habilidade de fala. Os resultados sugerem que as crenças do professor estão relacionadas à abordagem da gramática-tradução; na prática, porém, o professor utiliza o método direto e a abordagem comunicativa em sala de aula. Quanto às crenças dos alunos, a habilidade linguística oral é a mais importante e também a mais difícil.

João Monzani, mestre em Literatura Japonesa e doutorando em Teoria Literária na USP, enfoca as características dos autores/narradores da ficção da era Tokugawa, e também pontua as mudanças ocorridas durante o período Meiji, como o desaparecimento do autor típico da ficção Tokugawa e o surgimento de uma nova voz narrativa neste último período.

Liliana Granja Pereira de Moraes, mestranda em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP, estuda a ceramista japonesa Suzuki Shoko através da trajetória de vida, pautada nos preceitos dos *récits de vie* definidos por Daniel Bertaux (1997). A pesquisadora parte do conceito de Renato Ortiz de que identidade é **uma** construção simbólica feita em relação a um referente, sem cunho essencialista, trazendo diferentes aspectos da transculturalidade resultante da vivência da ceramista entre dois países. Assim, a identidade é constantemente negociada, sendo situada no contexto histórico, social e cultural.

Michele Eduarda Brasil de Sá, doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atual professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Ken Nishikido, bacharel em Engenharia Civil e Elétrica pela Universidade Federal de Amazonas, apresentam um estudo sobre a história do ensino de língua japonesa em Amazonas, traçando uma cronologia com base na própria história da imigração japonesa naquele estado.

Olivia Yumi Nakaema, mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP e atual mestranda pelo Programa de Literatura Japonesa da Faculdade de Letras da Universidade de Osaka, discute a função do *kakekotoba*, por meio da análise da morfossintaxe e do campo semântico mostra que este recurso estilístico, nos quais atua em estruturas sintáticas distintas, gerando sobreposições e complexidade no

texto. Lançando mão dos conceitos de isotopia cunhados pela Semiótica Francesa, compreende que o *kakekotoba* pode conectar as isotopias da natureza e humana.

Wataru Kikuchi, doutor em Sociologia pela USP, atual docente da mesma instituição, discute as formas nominais de pronomes pessoais do japonês. Como instrumento de pesquisa, busca fundamentação em estudos que enfocam a etimologia dos pronomes pessoais, partindo das contribuições de autores como Komatsu Hisao e Suzuki Hideo, entre outros teóricos.

E por último, nesta edição, além dos dez artigos de natureza acadêmica, apresentamos um artigo especial que contém uma enquete realizada com alunos do curso de Japonês sobre as influências do mangá e animê. O autor Akitada Usuba é pesquisador da Agencia de Assuntos Culturais do Governo do Japão.

Leiko Matsubara Morales

2012